

# Nominalizações em *-da*: Uma aproximação

Ilda Maria Tavares Vieira

ildavieira500@hotmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto*

*(Portugal)*

RESUMO: Neste artigo defendemos que, em Português Europeu, o sufixo *-da* não está exclusivamente vinculado aos verbos ergativos ou inacusativos, excluindo a existência de um argumento agente, contrariamente à proposta de Bordelois (1993) para o Espanhol; mostraremos que o referido sufixo pode combinar-se com verbos transitivos, inergativos, meteorológicos, inacusativos e até com o verbo copulativo *estar*. Seguindo a proposta de Alexiadou (2001) e Sleeman e Brito (2008) de que as nominalizações deverbais em *-da* operam na Sintaxe e não no Léxico, propomos a estrutura sintáctica da nominalização *chegada*, e, de acordo com Resnik (2009), defendemos que o sufixo *-da* codifica um traço [+delimitado].

PALAVRAS-CHAVE: Nominalizações em *-da*, estrutura argumental, verbos inacusativos.

ABSTRACT: In this paper we argue that, in European Portuguese, the suffix *-da* is not exclusively combined with ergative or unaccusative verbs, excluding the existence of an agent argument; contrary to the proposal of Bordelois (1993) for Spanish. We will show that this suffix can occur with different types of verbs: transitive, inergative, meteorological, unaccusative and even the copulative verb *estar*. Following the proposal of Alexiadou (2001) and Sleeman and Brito (2008) that nominalizations in *-da* take place in the syntax and not in the lexicon, we propose a syntactic structure for the nominalization *chegada*, and, in accordance with Resnik (2009), we claim that the suffix *-da* contains a delimited feature.

KEY WORDS: Nominalizations in *-da*, argument structure, unaccusative verbs.

## 1- Introdução

A ideia de que as nominalizações de evento possuem uma estrutura de evento que implica a obrigatoriedade de uma estrutura argumental defendida em Grimshaw (1990) tem sido posta em causa em alguns trabalhos, em particular por Alexiadou (2001), que defende que uma raiz verbal dá origem tanto a nomes de processo como de resultado, permitindo que ambos tomem argumentos. Para Alexiadou (2001) uma nominalização deverbal é um processo sintáctico e não lexical, o que implica reconsiderar a relação existente entre evento e estrutura argumental. As duas leituras destas nominalizações – processo e resultado – distinguem-se pela sua estrutura sintáctica: aos nomes de evento estão associadas as categorias VP e AspP, o que não acontece nos nomes de resultado. Adoptando a proposta de Alexiadou, Sleeman e Brito (2008) defendem que as nominalizações deverbais são feitas na Sintaxe e são fruto de um processo gradual: uma raiz vai perdendo propriedades de verbo, ganhando propriedades nominais; mas, desenvolvendo Brito e Oliveira (1997), consideram que as leituras de processo e de resultado das nominalizações deverbais estão ambas relacionadas com as categorias funcionais VP e AspP, enquanto a leitura de entidade não comporta tais categorias. Desenvolvendo Rodrigues (2006) defenderemos que o significado das nominalizações deverbais depende de vários factores, sendo o significado do afixo deverbal crucial para a sua interpretação. Seguindo a linha da Morfologia Distribuída, Resnik (2009) considera que o sufixo *-da* codifica um traço [+delimitado].

Neste artigo, partimos do pensamento exposto por Bordelois (1993) para o Espanhol e analisamos as nominalizações em *-da* do Português Europeu, propondo-nos perceber se o sufixo *-da* em Português Europeu está associado a determinadas raízes verbais. Para tal, partimos do artigo de Bordelois, que defende que o sufixo *-da* está exclusivamente vinculado aos verbos ergativos ou inacusativos, excluindo a existência de um argumento agente; discordaremos desta posição mas aproximamo-nos da sua hipótese segundo a qual as nominalizações em *-da* são derivadas dos participípios dos verbos, embora com a vogal final *-a*, que determina a forma feminina do nominal deverbal e que parece estar associada, em geral, a um valor de delimitação.

O presente artigo está organizado do seguinte modo. No ponto 2 apresentamos o pensamento de Bordelois (1993). No ponto 3 analisamos algumas nominalizações deverbais em *-da* derivadas de diferentes bases verbais em Português Europeu e verificamos a inadequação da tese de Bordelois (1993) ao Português Europeu. No ponto 4 assumimos uma análise de acordo com a Morfologia Distribuída e ilustramos tal análise com a nominalização deverbal *chegada*. No ponto 5 esboçamos uma breve conclusão. Finalmente apresentamos as referências bibliográficas dos textos consultados.

## 2- As nominalizações em *-da* do Espanhol de acordo com Bordelois (1993)

Bordelois defende que a derivação das nominalizações deverbais em *-da* é feita a partir do particípio passado dos verbos, embora com a vogal final *-a*, que determina a forma feminina do nome. O nome derivado distingue-se do particípio adjectivo, cuja terminação varia entre o masculino e o feminino, e do particípio passado dos tempos compostos, com terminação invariável em *-o*:

(1) Particípio adjectivo	Particípio passado	Nome
<i>ido</i> (masc.)/ <i>ida</i> (fem.)	<i>ido</i>	<i>ida</i>
<i>llegado</i> (masc.)/ <i>llegada</i> (fem.)	<i>llegado</i>	<i>llegada</i>

A partir dos seguintes enunciados, apresentados pela autora, podemos verificar a diferença existente entre estas três formas, no caso do verbo *llegar* em Espanhol:

- (2) El hombre recién llegado se llamaba Pedro. (particípio adjectivo)
- (3) Pedro ha llegado tarde. (particípio passado)
- (4) Su llegada imprevista nos ha fastidiado. (nominalização)

Segundo a autora, o sufixo *-da* pode variar fonologicamente entre a realização em *-da*, com dental sonora, e a realização em *-ta*, com dental surda, de acordo com o contexto fonológico em que está inserido, apresentando como exemplo *vuelta*, de *volver*. Este processo também ocorre no Português em *volta* e *vista*. Este sufixo é bastante produtivo e pode aparecer em verbos de todas as conjugações: em *-ar* (*llegada* de *llegar*) em *-er* (*caída* de *caer*) e em *-ir* (*partida* de *partir*). O que também se verifica no Português (*entrada* de *entrar*, *corrida* de *correr*, *saída* de *sair*).

Partindo dos exemplos em Espanhol (5) e (6), Bordelois vai defender que o sufixo *-da* é expressão de ergatividade e está vinculado exclusivamente aos verbos ergativos, excluindo a existência de um agente, já que este corresponderia ao argumento externo de verbos agentivos, explicando assim a agramaticalidade de (5). O argumento destas nominalizações só pode ser introduzido pela preposição *de* e nunca pela preposição *por*, daí a agramaticalidade de (5):

- (5) \*La llegada por Pedro.
- (6) La llegada de Pedro.

A autora reconhece a existência de algumas excepções no caso dos verbos transitivos:

- |     |                               |                      |
|-----|-------------------------------|----------------------|
| (7) | <i>Mirada</i> de <i>mirar</i> | Juan mira las nubes. |
| (8) | <i>Bebida</i> de <i>beber</i> | Juan bebe la leche.  |
| (9) | <i>Comida</i> de <i>comer</i> | Juan come pescado.   |

(10) *Vista de ver*                      Juan ve la ciudad.

Mas considera que as mesmas não invalidam a ideia de que o sufixo *-da* se associa apenas a verbos ergativos, uma vez que os exemplos apresentados não admitem um complemento oblíquo agentivo introduzido pela preposição *por* e não apresentam o papel temático de Agente, que seria característico dos verbos transitivos de que derivam:

(11)\* La mirada a las nubes por Pedro.

(12)\* La bebida de la leche por Juan.

(13)\* La comida del pescado por Juan.

(14)\* La vista de la ciudad por Juan.

Para Bordelois, os exemplos apresentados, embora aparentemente constituam uma excepção à ideia de que o sufixo *-da* está ligado à ergatividade, confirmam a hipótese de que tal sufixo é incompatível com a agentividade.

A autora apresenta ainda uma segunda excepção, o exemplo das nominalizações em *-da* derivadas de verbos meteorológicos, que não têm objecto temático nem argumentos com papel agentivo e que sintacticamente estão desprovidas de argumento externo:

(15) Hielo                                      la *helada*

(16) Nieva                                     la *nevada*

(17) Graniza                                  la *granizada*

Para Bordelois, esta é mais uma prova de que o sufixo *-da* exclui a agentividade. No entanto, a autora considera que esta não é a única característica deste sufixo, pois o mesmo também exclui o papel de experienciador, que funciona geralmente como argumento externo com verbos perceptivos:

(18) La vista de la ciudad \*de Juan

Assim, segundo a autora, o sufixo *-da* apenas admite o papel de Meta e Origem, como ilustra o seguinte exemplo:

(19) La mirada de Juan a las estrellas.

Em (19), *a las estrellas* apresenta o papel temático de *Meta* e *Juan* tem o papel temático de *Origem*. *Juan* não é agente nem experienciador e também não constitui o argumento externo do nominal *mirada*.

A partir do exposto, Bordelois formula a seguinte regra para o sufixo *-da*:

(20)  $\emptyset$  SufNom  $\rightarrow$  -Da / Raíz léxica \_\_\_\_\_ ] N  
[Tema], [Origem] [Meta]]

### 3- Nominalizações em *-da* derivadas de diferentes tipos de verbos

Ao analisarmos diversos exemplos de nominalizações em *-da* que extraímos quer do *Dicionário Inverso* de Ernesto d'Andrade quer do Corpus do *CETEMpúblico*, verificámos que no Português Europeu existem inúmeras nominalizações em *-da* derivadas de verbos transitivos, intransitivos (inergativos), meteorológicos, copulativos (exclusivamente *estar*) e inacusativos, que apresentamos no ponto seguinte.

#### 3.1- Exemplos de nominalizações em *-da* derivadas de diferentes bases verbais

A análise realizada permitiu verificar que em Português Europeu é possível formar nominalizações a partir das seguintes classes de verbos.

1) De verbos transitivos que seleccionam um OD: *comida* de *comer*; *bebida* de *beber*; *olhada* de *olhar*; *ferida* de *ferir*; *calçada* de *calçar*; *velada* de *velar*; *chamada* de *chamar*; *queimada* de *queimar*; *medida* de *medir*; *tomada* de *tomar*; *retirada* de *retirar*.

2) De verbos transitivos que seleccionam um argumento OBL: *morada* de *morar*; *investida* de *investir*; *pousada* de *pousar*; *pincelada* de *pincelar*.

3) De verbos inergativos: *corrida* de *correr*; *caminhada* de *caminhar*; *dormida* de *dormir*.

4) De verbos meteorológicos: *geada* de *gear*; *chuvada* de *chover*; *saraivada* de *saraivar*; *granizada* de *granizar*; *orvalhada* de *orvalhar*.

5) Do verbo copulativo *estar* apenas encontramos a nominalização *estada*.

6) Por último, de verbos inacusativos de movimento: *vinda* de *vir*; *chegada* de *chegar*; *ida* de *ir*; *saída* de *sair*; *queda* de *cair*; *volta* de *voltar*; *descida* de *descer*; *entrada* de *entrar*; *partida* de *partir*; *subida* de *subir*.

#### 3.2- Estrutura argumental e leitura aspectual das nominalizações em *-da*

Na estrutura argumental de uma palavra entram três aspectos importantes: o número de argumentos que a palavra exige, a natureza categorial dos elementos seleccionados e o papel

temático que cada argumento tem (Duarte & Brito 2003:185). Os argumentos de um predicador podem ter diversas interpretações, que podem ser descritas por papéis temáticos: Agente, que designa uma entidade humana que controla uma dada situação; Fonte, entidade que está na origem da situação; Experienciador, sede psicológica ou física de uma propriedade ou relação; Locativo, localização espacial da entidade; Alvo, entidade para a qual algo foi transferido; Tema, entidade que muda de lugar, posse ou estado (Duarte & Brito 2003:188-190).

No caso das nominalizações deverbais tem sido muito discutido se elas conservam ou não a estrutura argumental dos verbos de que derivam. Se compararmos os seguintes enunciados:

- (21) O exército destruiu a cidade em 1990.  
(a) A destruição da cidade em 1991 (pelo exército)

Vemos que o argumento agente, embora obrigatório com o verbo *destruir*, é opcional com a nominalização correspondente *destruição* (21a). Verificamos assim que há algumas diferenças na realização da estrutura argumental de um verbo e de uma nominalização deverbal.

Analisando nominalizações deverbais agentivas, alguns autores têm proposto que, à semelhança do “by-phrase” da passiva, o SPrep *por SN* se torna um adjunto (Larson 1998). Grimshaw (1990) considera que o *by phrase* tem um estatuto intermédio, atribuindo a designação de “a-adjunct” (*argument adjunct*). Na sequência deste artigo designaremos sempre o sintagma *por SN* como o argumento externo das nominalizações sabendo, no entanto, que tal sintagma pode ser suprimido.

Neste texto analisaremos a estrutura argumental das nominalizações em *-da*. Além disso, estudaremos os valores aspectuais dessas nominalizações de modo a perceber se há ou não uma ligação directa entre valores aspectuais e estrutura argumental.

Do ponto de vista aspectual, algumas nominalizações deverbais conservam a leitura aspectual das bases verbais de que derivam (Brito 2003: 331):

- (22) *Corrida* (actividade ou processo), *destruição* (processo culminado), *morte* (culminação), *temor* (estado psicológico).

Tem sido notado que certas nominalizações deverbais adquirem dois valores: o de evento e o de resultado do evento (Grimshaw 1990: 54-55). Para esta autora, “result nominals name the output of a process or an element associated with the process; process nominals name a process or an event”. Assim, o nome deverbal *examination* apresenta duas interpretações. Em (23) *examination* refere um resultado e em (24) refere um evento:

- (23) The examination was long / on the table. (resultado)

(24) The examination of the patients took a long time (evento)

Note-se, contudo, que certos nomes, como *construção* e *encomenda*, podem ser ambíguos entre três leituras – processo, resultado e entidade - (Brito & Oliveira 1997):

- (25) A construção do campo de jogos para entreter as crianças demorou mais do que se esperava. (processo)  
(a) A Maria está a fazer a encomenda de livros. (processo)  
(26) A construção do campo de jogos para entreter as crianças trouxe benefícios à comunidade. (resultado)  
(a) A encomenda de livros enriqueceu a nossa biblioteca. (resultado)  
(27) Esta construção é admirada por todos. (entidade)  
(a) Vou mandar esta encomenda. (entidade)

Seguindo a proposta de Brito & Oliveira (1997) e Sleeman & Brito (2007) de que as nominalizações deverbais derivadas de verbos de processo culminado podem apresentar três leituras – processo, resultado e indivíduo ou entidade – vamos agora analisar algumas das nominalizações em *-da* acima enumeradas, apresentando a sua estrutura argumental e também a sua leitura aspectual, verificando se as mesmas podem ou não apresentar estas três leituras e tentando estabelecer uma relação entre estrutura argumental e leitura aspectual.

Analisamos em primeiro lugar as nominalizações derivadas de verbos transitivos que seleccionam um OD:

- (28) A tomada da cidade de Constantinopla pelos Turcos ocorreu em 1453.  
(29) A tomada das favelas por traficantes levou alguns residentes a abandonar as suas casas.  
(30) As queimadas de terrenos pelos agricultores duraram duas semanas.  
(31) Uma queimada de resíduos industriais por uma empresa da zona provocou fumos espessos que se espalharam pelas povoações.

Nos enunciados apresentados podemos verificar que as nominalizações *tomada* e *queimada*, ambas derivadas de verbos transitivos do tipo SU V OD, seleccionam dois argumentos: um argumento interno genitivo em *de* com o papel temático de Tema (*da cidade de Constantinopla; das favelas; de terrenos; de resíduos industriais*); e um argumento externo introduzido pela preposição *por*, com o papel temático de Agente (*pelos Turcos; por traficantes; pelos agricultores; por uma empresa da zona*). As referidas nominalizações podem ter uma interpretação de processo (28) e (30) e de resultado<sup>1</sup> (29) e (31). Podem também apresentar a interpretação de entidade ou indivíduo:

---

<sup>1</sup> Consideramos (29) e (31) exemplos de leitura de resultado porque estamos perante um determinado efeito que foi potenciado por um evento.

- (32) Os trabalhadores começaram a plantar cana-de-açúcar na queimada.  
(33) Esta tomada eléctrica está avariada.

Vejamos agora duas nominalizações derivadas de uma base verbal do tipo SU V OBL:

- (34) A nossa pousada em Madrid foi curta.  
(35) A investida dos rebeldes tajiques junto à fronteira foi repelida pelo exército russo.  
(36) A investida nazi contra a Europa e o mundo aconteceu durante parte do século XX.  
(37) A investida violenta dos terroristas causou vinte mortos.

Enquanto nominalizações de evento, verificamos que as nominalizações *pousada* e *investida* podem seleccionar um argumento agente sob a forma de genitivo (*de*) (35), possessivo (34), ou um adjectivo relacional (36), mas não podem ter esse argumento sob a forma de *por SN*:

- (38)\*A investida pelos terroristas causou vintes mortos.  
(39)\*A pousada em Madrid pelos peregrinos foi curta.

O nominal *pousada* apresenta uma leitura de processo (34), (35) e (36), de resultado de um evento (37), podendo também ter a leitura de indivíduo ou entidade, onde *pousada* refere o edifício:

- (40) A pousada da juventude foi reconstruída.

Passamos agora a analisar duas nominalizações derivadas de verbos inergativos.

- (41) A corrida de bicicletas ocorreu durante o mês de Agosto.  
(a) \*A corrida de bicicletas pelos atletas portugueses obrigou à paragem do trânsito dentro das localidades.  
(42) Ao fim de uma longa caminhada todos estavam cansados.  
(43)\* A caminhada diária pelos idosos ao parque demora trinta minutos.

Verificamos que a nominalização *corrida* pode seleccionar um argumento interno introduzido pelo genitivo em *de* (41) mas não selecciona um argumento externo de natureza agentiva introduzido pela preposição *por*, daí a agramaticalidade do enunciado (41a). O mesmo acontece com a nominalização *caminhada*. Consideramos que estes nominais podem apresentar uma leitura de processo (41) e uma leitura de resultado (42) dado que há uma realidade que se altera, embora temporariamente, em função de um evento.

Passamos agora às nominalizações derivadas de verbos meteorológicos.

- (44) Uma forte chuvada caiu durante a noite.

- (45) A geada que caiu durante a noite criou uma camada de gelo nas estradas.  
(46) A saraivada de ontem partiu alguns vidros das janelas.

Consideramos que estas nominalizações são eventivas e podem ser ambíguas entre uma leitura de processo (44) e de resultado (45) e (46). No entanto, não têm estrutura argumental, dada a natureza das raízes verbais de que são formadas.

A nominalização *estada*, derivada do verbo copulativo *estar*, selecciona um argumento interno com o papel temático de Tema, que pode ser expresso por um SPrep em *de* (48) ou por um possessivo (47), mas não por um argumento externo agentivo introduzido pela preposição *por*, dada a estatividade do verbo de que é formada (48a).

- (47) Durante a sua estada no Brasil, o presidente conheceu alguns actores famosos.  
(48) A estada do Presidente da República em França alegrou a comunidade portuguesa.  
(a) \* A estada pelo Presidente da República em França alegrou a comunidade portuguesa.

O nominal *estada* apresenta uma leitura de estado, podendo também ter uma leitura de indivíduo ou entidade<sup>2</sup> no sentido de lugar que uma pessoa ocupa para dormir, onde tem a cama, como em (49):

- (49) A estada do preso está ali.

Por último, vamos analisar algumas nominalizações derivadas de verbos inacusativos de movimento, dando continuidade à proposta apresentada por Brito (2005).

- (50) A chegada socialista ao governo desequilibrou as contas públicas.  
(51) A queda da monarquia no Brasil ocorreu em 1889.  
(52) A descida do nível das águas demorou dois dias.  
(53) A partida do João deixou toda a gente consternada.

A partir dos enunciados apresentados verificamos que estas nominalizações apresentam um argumento interno que pode ser introduzido por genitivo (51), (52), (53) ou por adjectivo temático (50), mas não seleccionam um argumento externo de natureza agentiva introduzido pela preposição *por*. Estes nominais têm uma natureza eventiva e podem ser ambíguas entre uma leitura de processo (51), (52) e de resultado (50), (53). Podem também apresentar uma interpretação de indivíduo ou entidade, como em (54) e (55):

---

<sup>2</sup> Este exemplo foi retirado do *Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa*.

- (54) Gosto desta queda d'água.  
(55) A pousada fica numa descida.

Em síntese, verificámos que as nominalizações em *-da* podem derivar de diferentes bases verbais: de verbos transitivos, inergativos, meteorológicos, o verbo copulativo *estar* e verbos inacusativos de movimento. Deste modo, concluímos que no Português Europeu a proposta de Bordelois sobre o sufixo *-da* apresenta algumas falhas. Este sufixo não está exclusivamente vinculado a verbos ergativos ou inacusativos, como pretende a autora. A própria existência de nominalizações em *-da* derivadas de verbos transitivos em Espanhol (*comida, bebida, mirada, vista*) e meteorológicos (*helada, nevada, granizada*), que a autora considera serem meras excepções que não invalidam a sua proposta, é a “prova” de que, mesmo em Espanhol, este sufixo tem uma natureza mais abrangente, podendo ligar-se a diferentes bases verbais.

Pudemos verificar, a partir de algumas nominalizações derivadas de bases verbais transitivas e intransitivas aqui estudadas, que este sufixo não exclui mesmo a existência de um agente, introduzido pela preposição *por* (*tomada, queimada, corrida*). Relativamente aos verbos inacusativos, o sufixo *-da* não co-ocorre com um agente; no entanto, essa característica não advém do sufixo mas da própria base verbal, que exclui a existência de um argumento de natureza agentiva. Deste modo, não nos parece correcto afirmar que o sufixo *-da* é um “significante” de ergatividade, como a autora pretende.

Por outro lado, verificámos que estas nominalizações apresentam diferentes valores aspectuais, não só devido à base verbal de que derivam mas também em função do contexto em que ocorrem. Podem apresentar valores de processo e de resultado e ainda de indivíduo ou entidade.

Comparando as raízes verbais com as nominalizações correspondentes, consideramos, desenvolvendo Resnik (2009), que as nominalizações em *-da* codificam, em geral, um traço delimitado [+d], embora factores contextuais possam favorecer leituras diversas. Com efeito, se comparamos *correr* com *corrida*, *investir* com *investida*, *tomar* com *tomada*, etc, vemos que as nominalizações expressam um processo ou um resultado delimitados temporalmente e é isso que as distingue dos infinitivos correspondentes.

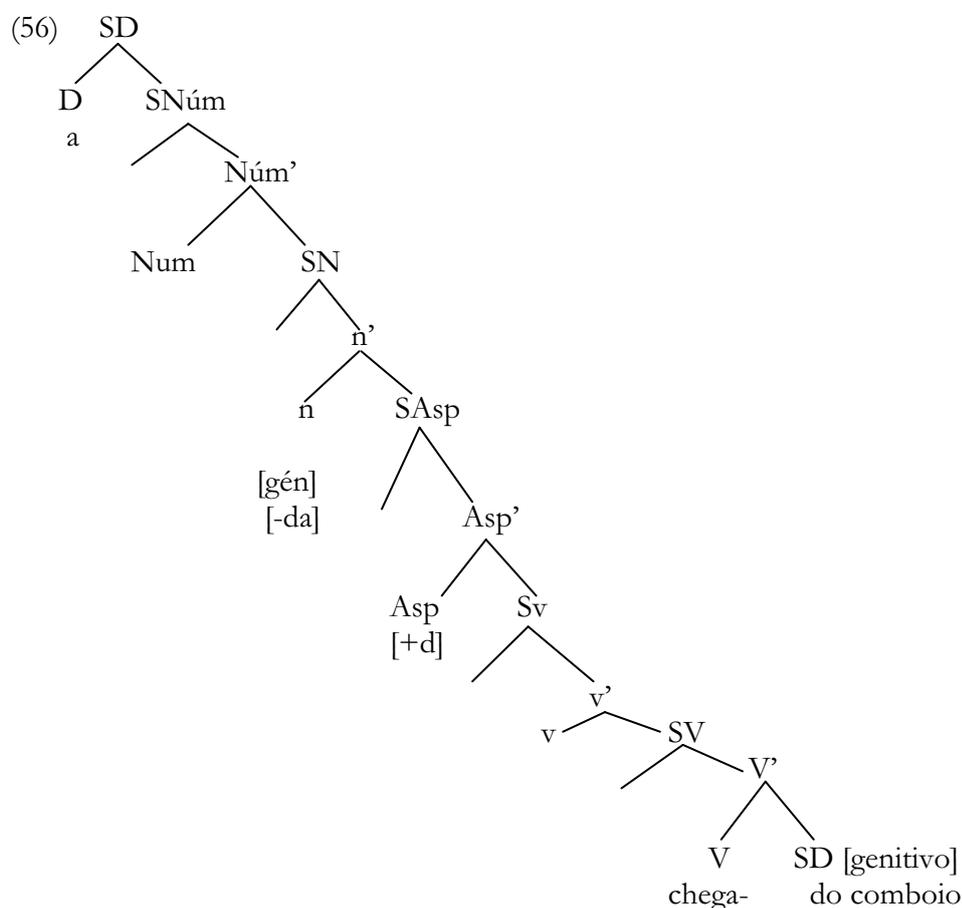
#### *4- Tratamento sintáctico das nominalizações em -da*

De acordo com a Morfologia Distribuída e em particular a linha de Alexiadou (2001), Sleeman & Brito (2007) e Resnik (2009), as nominalizações deverbais são derivadas na sintaxe a

partir de uma raiz verbal que toma a forma de um nome, de acordo com as categorias funcionais nominais que a dominam. Ilustraremos esta perspectiva com uma nominalização derivada de um verbo inacusativo, *chegada*.

A parte lexical, constituída pela raiz verbal e pela categoria SV, é dominada pela parte funcional, constituída pelas categorias funcionais verbais (Sv, SAsp) e nominais (SN, SNúm, SDet). Em particular, defenderemos, como Resnik (2009), que o nó funcional Asp codifica certos traços aspectuais, neste caso, o traço delimitado [+d] e um nó n, a que corresponde o sufixo *-da*, e a que está também associado o traço de género; na verdade, o feminino parece ter aqui mais um valor de expressão de evento delimitado do que propriamente de género.

A estrutura (56) representa o que acabámos de descrever:



Quanto às nominalizações com valores de entidade, como *queda* (queda d'água), *descida* (terreno inclinado), consideraremos que não têm traços aspectuais na sua estrutura sintáctica (cf. Picallo 1991, Brito & Oliveira 1997, Alexiadou 2001, Brito 2005).

## 5- Conclusões

Neste trabalho procurámos verificar se o sufixo *-da*, que permite criar nominalizações deverbais, está limitado a determinadas bases verbais. Ao analisarmos um conjunto significativo desse tipo de nominalizações, verificámos que tal sufixo não está exclusivamente vinculado aos verbos ergativos ou inacusativos e não exclui a agentividade, não podendo ser considerado um “significante” de ergatividade, como pretende Bordelois (1993). Recolhemos e analisámos várias nominalizações em *-da* derivadas de diferentes bases verbais, tendo verificado que existem mesmo nominalizações derivadas de verbos transitivos (*tomada* e *queimada*) que seleccionam um argumento externo de natureza agentiva, introduzido pela preposição *por*. Vimos também que estas nominalizações podem ter natureza de processo ou de resultado e que algumas, talvez por um processo de extensão semântica, designam entidades ou indivíduos. Na parte final esboçámos um estudo sintáctico das nominalizações, de acordo com a Morfologia Distribuída e em particular com a linha de Alexiadou (2001), Sleeman e Brito (2007) e Resnik (2009), apresentando a estrutura sintáctica da nominalização *chegada* e defendemos que o sufixo *-da* codifica, em geral, um valor de delimitação.

## Agradecimentos

O presente artigo parte da dissertação de Mestrado “As nominalizações em *-da* no Português Europeu”, orientada pela Doutora Ana Maria Brito e apresentada à Faculdade de Letras do Porto em Dezembro de 2009, em que estiveram presentes as arguentes Doutora Matilde Miguel e Doutora Fátima Oliveira. As suas observações, que desde já agradeço, foram pertinentes para a realização deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- Alexiadou, A. 2001. *Functional structure in nominals. Nominalization and ergativity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Bordelois, I. 1993. Afijación y estructura temática: *-da* en español. In: S. Varela Ortega (Org.). *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Universitaria: 162-179.
- Brito, A. M. 2005. Nomes derivados de verbos inacusativos: estrutura argumental e valor aspectual. *Revista da Faculdade de letras – Línguas e Literaturas Modernas*. **XXII**: 47-64.
- Brito, A. M. e Oliveira, F. 1997. Nominalization, aspect and argument structure. In: G. Matos (Ed.). *Interfaces in linguistic theory. (Selected papers from the International Conference on Interfaces in*

*Linguistics*. Porto, November 13-17, 1995). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, 57-80.

Picallo, C. 1991. Nominals and Nominalizations in Catalan. *Probus*. **3**: 279-316.

Resnik, G. 2009. *Derivación e interacción de rasgos: la delimitación en nombres y verbos derivados en español*. V Encuentro de Gramática Generativa. General Roca, Argentina, 29-31 de Julho de 2009 [handout].

Rodrigues, A. S. 2006. *Formação de substantivos deverbais sufixados em Português*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra.

Sleeman, P; Brito, A. M. 2007. *Nominalization, event, aspect and argument structure: a syntactic approach*. Artigo apresentado no Workshop on Argument Structure and Syntactic Relations. Universidade do País Basco, Victoria-Gasteiz, 2007.

### **Fontes**

Andrade Pardal, Ernesto d' . 1993. *Dicionário Inverso do Português*. Lisboa: Cosmos.

Academia das Ciências de Lisboa e Instituto de Lexicologia e Lexicografia. 2001. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa, Editorial Verbo.

[www.cetempublico.pt](http://www.cetempublico.pt).